

WHATSAPP, POESIA E PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

WhatsApp, poetry and pandemic: experience report

WhatsApp, poesía y pandemia: informe de experiência

Marcio da Silva Granez²

Resumo

Trata-se de relato de experiência que descreve e analisa o uso poético do aplicativo WhatsApp durante o período da pandemia do novo coronavírus. Em virtude do confinamento, o autor descobriu na ferramenta de mensagem uma forma de socializar, enviando fotos e poemas do almoço diário. O relato ampara-se nos conceitos de mediatização, convergência e fanfiction e usa a metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 2009). A experiência ressignifica formas de contato e socialização.

Palavras-chave: WhatsApp; socialização; comunicação; poesia; pandemia.

Abstract

This is an experience report that describes and analyzes the poetic use of the WhatsApp application during the period of the new coronavirus pandemic. Due to the confinement, the author discovered in the message tool a way to socialize, sending photos and poems from the daily lunch. The report is supported by the concepts of mediatization, convergence and fanfiction and uses the methodology of Content Analysis (Bardin, 2009). Experience re-signifies forms of contact and socialization.

Keywords: WhatsApp; socialization; Communication; poetry; pandemic.

Resumen

Se trata de un relato de experiencia que describe y analiza el uso poético de la aplicación WhatsApp durante el período de la nueva pandemia de coronavirus. Debido al encierro, el autor descubrió en la herramienta de mensajes una forma de socializar, enviando fotos y poemas del almuerzo diario. El informe se sustenta en los conceptos de mediatización, convergencia y fanfiction y utiliza la metodología de Análisis de Contenidos (Bardin, 2009). La experiencia vuelve a significar formas de contacto y socialización.

Palabras clave: WhatsApp; socialización; Comunicación; poesía; pandemia.

¹ O artigo foi apresentado no GT 2, Desigualdades Tecnológicas e Redes Sociais, do I Congresso Internacional Jornalismo, Inovação e Igualdade (CIJOII), realizado por meio da Universidade Federal do Piauí, nos dias 24 e 25 de maio de 2021.

² Doutor; Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Bolsista PNPd/CAPES, Brasil. E-mail: marcio.granez@hotmail.com, Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9838-2670>

Introdução

A pandemia do novo coronavírus impactou o mundo todo a partir do final de 2019 e início de 2020. Milhões de infectados e de mortos, crise econômica e incerteza quanto ao futuro passaram a fazer parte do cotidiano, influenciando o modo de vida de toda a população do planeta.

No Brasil, o quadro é ainda mais dramático, pois o país convive com problemas estruturais que só agravam os efeitos da pandemia, como o desemprego persistente e a falta de infraestrutura básica para boa parte da população, o que só faz aumentar o temor e a incerteza quanto ao futuro.

Nesse contexto é que se situa o presente relato de experiência: trata-se de contar e refletir sobre formas de socializar e de manter contato em tempos de confinamento e de isolamento social. O artigo é o relato da experiência do autor durante os meses de isolamento de março a dezembro de 2020, e do uso que buscou fazer da ferramenta de mensagens WhatsApp para mitigar os efeitos da solidão e da falta de contato pessoal durante esse período em que se encontra longe da família e da terra natal, desenvolvendo estágio pós-doutoral desde o ano de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí.

É também uma reflexão sobre os temas teóricos que atravessam a experiência de vida: a mediatização da realidade, a interação social, os formatos e o conteúdo das trocas simbólicas mediadas pela tecnologia. O relato, de caráter qualitativo, se ampara na descrição cronológica das mensagens e da socialização em torno delas. O corpus é formado pelo conjunto de mensagens enviadas e recebidas pelo aplicativo de conversas WhatsApp: fotografias das refeições, poemas que as acompanhavam, produzidos pelo autor, e comentários feitos pelos contatos do autor.

1. Referencial teórico

A reflexão sobre o uso da tecnologia como ferramenta de socialização é ampla e variada. Abrange desde o impacto das ferramentas sobre as práticas sociais até os questionamentos éticos que cercam o fenômeno, passando pelos trabalhos que se detêm nas questões de ordem estética e política, entre outros aspectos. No presente estudo as reflexões estarão centradas nas questões de ordem social, técnica e estética que envolvem os fenômenos da comunicação em tempos de isolamento social.

O conceito de midiatização é o ponto de partida da reflexão. Ele é concebido, primeiramente, a partir da definição de Hjarvard (2014), que o usa “para caracterizar uma determinada fase ou situação do desenvolvimento global da sociedade e da cultura no qual os meios de comunicação exercem uma influência particularmente predominante em outras instituições sociais” (2014, p. 61).

Na perspectiva deste autor, se destaca a influência do campo da mídia sobre os outros campos sociais – família, escola, política etc. A lógica da organização midiática impõe seu formato e suas rotinas a esses campos, num processo que inicia com a mídia de massa, como jornal, rádio e televisão.

Para Fausto Neto, a midiatização implica conceber a mídia como parte integrante da percepção humana, no sentido antropológico:

a midiatização enquanto prática social-prática do sentido, ultrapassa o território específico dos meios enquanto limites explicativos, mas retoma os meios no interior de uma nova complexidade, fenômeno engendrado pelo aparecimento de tecnologias subordinadas a lógicas de ofertas e a processos de apropriação social. Nessa perspectiva é que a midiatização articula essas duas dimensões – transversalidade e relacionalidade (2006, p. 15).

A partir dessas definições pode-se conceber o uso dos meios de comunicação de forma abrangente, não apenas como instrumentos que ampliam a percepção da realidade, mas sobretudo como meios que moldam a percepção da própria realidade e ajudam a construí-la.

Numa visão que acolhe as contribuições de Fausto Neto e de Stig Hjarvard, a midiaticização pode ser concebida como um processo permanente de apropriação da realidade pela percepção humana, assim como também é o reflexo da lógica da mídia sobre as trocas sociais. Dessa forma, o fenômeno da midiaticização reflete o papel central dos meios de comunicação sobre a percepção humana e sobre a organização em sociedade.

Compreender a dinâmica e as trocas que se estabelecem entre o ser humano e o meio ambiente – seja ele natural ou social – implica também considerar a dinâmica que se estabelece entre o ser humano e os meios de comunicação. Para os fins deste relato, considera-se que as interações mediadas pelos sentidos humanos e pelos meios técnicos são a manifestação de graus diferenciados de um mesmo fenômeno – a comunicação humana.

O conceito de convergência se insere nesse fluxo. Entendido como a tendência à participação mais efetiva nos processos comunicacionais mediante o uso dos meios de comunicação em aparelhos que potencializam a interação entre todos os sentidos e linguagens, o conceito foi trazido Henry Jenkins (2009) para caracterizar a cultura da era digital.

Para o autor, a convergência reflete o aprimoramento técnico dos meios de comunicação e molda a cultura contemporânea, impactada em larga medida pelo universo virtual e pela interação online possibilitada pela internet. Essa cultura potencializou trocas que por muito tempo foram reprimidas. Na era da mídia de massa – jornal, livro, rádio e televisão – a comunicação se baseava no modelo hierárquico do um para muitos; na era da cultura da convergência, esse modelo passou a operar na lógica do muitos para muitos. A oralidade e a afetividade inerente às trocas face a face passaram a preponderar novamente, para além da racionalidade inerente à escrita.

A convergência implica uma cultura qualitativamente diversa da cultura da mídia de massa. As redes sociais e aplicativos de conversa como o WhatsApp se inserem nesse fluxo de comunicação, refletindo o poder da oralidade e das trocas afetivas. Eles potencializam a convergência midiática, reunindo linguagens e códigos variados em dispositivos singulares.

A *fanfiction*, ou ficção elaborada por fãs, é uma das marcas da cultura da convergência. Ela implica a apropriação e criação, por parte dos fãs, das narrativas da cultura popular. Deriva em parte da maior autonomia do polo receptor, que agora já não se

define apenas pelo consumo de mensagens, mas sobretudo pela produção de conteúdos. Assim, personagens conhecidos de filmes e de histórias, por exemplo, ganham novas narrativas por parte dos fãs, sem que haja necessariamente a permissão ou consentimento formal por parte dos criadores originais.

Diferentes públicos estabelecem diferentes formas de produção semiótica, produção de sentidos e prazeres por meio do consumo de produtos da indústria cultural. Os fãs, mais especificamente, levam a produção de sentidos a um ponto adiante, expressando-se textualmente e deixando essa produção circular através de comunidades organizadas (Curi, 2010, p. 8-9).

Nos últimos anos, uma série de personagens e obras clássicas do cinema e da literatura vêm ganhando vida nova nas produções de fãs. Como exemplo, citado por Jenkins (2009), pode-se mencionar a saga de ficção científica *Star Wars*, cujos personagens são frequentemente apropriados por escritores de ficção apaixonados pela série cinematográfica. Na literatura brasileira, a personagem Capitu, de Machado de Assis, na novela *Dom Casmurro*, é um exemplo de personagem frequentemente revisitado por autores de *fanfiction* (Mazzola, 2018).

O uso da poesia e do imaginário ligado a ela nas produções para as mídias sociais digitais é um recurso estético que tem se mostrado recorrente, sobretudo como forma de aproximação com a oralidade. A tradição oral, que marca a produção poética, coloca em primeiro plano o ritmo da fala, modalizando-o pelo uso de recursos como as rimas e a métrica, aproximando a palavra falada da música (Neumann, 2017).

Explorar as potencialidades estéticas da cultura online tem sido uma constante no momento atual, marcado pelo isolamento e a reclusão impostas pela pandemia. As várias dimensões da comunicação – oral, escrita, imagética, tátil – se colocam, a partir dos meios digitais, como opções para a criação e as trocas simbólicas. Com a finalidade de restaurar o fluxo das trocas simbólicas a partir do caráter afetivo da linguagem poética no contexto da cultura digital, é preciso fazer uso dos meios disponíveis, adaptando a mensagem aos recursos e potencialidades de cada um deles.

Para a finalidade deste relato, o conceito de *fanfiction* e as considerações sobre a estética da poesia são importantes para a compreensão do formato adotado nas narrativas elaboradas durante o período da pandemia.

A midiaticização, a convergência e a *fanfiction* são entendidas aqui como fundamento para a reflexão sobre a experiência vivenciada pelo autor. Elas não esgotam os temas vivenciados, apenas sinalizam o contexto em que essa experiência aconteceu, auxiliando a ligar os fios dessa experiência com as discussões contemporâneas na área da comunicação e da cultura.

Ao entender o contexto da sociedade em processo de midiaticização, compreendemos a onipresença da mídia sobre a interação humana – seja ela a interação entre seres humanos, seja ela entre o ser humano e o meio ambiente, natural ou artificial. A compreensão da convergência nos possibilita entender a interação entre linguagens e formatos no contexto da comunicação online. Já a cultura *fanfiction* sinaliza para os produtos resultantes da elaboração no ambiente convergente e midiaticizado.

A seguir, relatamos a experiência vivenciada pelo autor, sobre a qual refletiremos com base nos conceitos previamente expostos.

2. Sobre o contexto

Em março de 2020 a Organização Mundial de Saúde decretou que a doença do novo coronavírus – o Sars-Cov-2 – configurava uma pandemia. O vírus, surgido provavelmente na cidade de Wuhan, na China, no final de 2019, propagou-se rapidamente pelo globo, obrigando governos de todos os países a adotar medidas de prevenção e combate à disseminação da doença – a Covid-19.

Aulas foram interrompidas, o comércio foi fechado ou teve seu horário reduzido, eventos artísticos e desportivos foram cancelados – tudo como parte do esforço em conter a disseminação do novo coronavírus. Nesse contexto de restrições e de isolamento, a comunicação online foi o caminho encontrado para a manutenção dos vínculos e das atividades. Houve a migração de muitas dessas atividades para a esfera online e não presencial.

A pandemia impactou fortemente a vida no planeta. As restrições na atividade econômica trouxeram números negativos para o Produto Interno Bruto em nível mundial. As doenças mentais tiveram um salto, como reflexo das medidas de isolamento. Cresceu também a desinformação sobre a Covid-19. Atualmente o mundo enfrenta uma segunda onda do vírus, com o surgimento de novas cepas com maior poder de contágio. Os números brasileiros estão entre os piores do planeta: mais de 300 mil mortos e de 12 milhões de infectados no início de abril de 2021, data em que este relato é escrito.

A medida de isolamento social é uma das estratégias adotadas para conter o contágio pelo Sars-Cov-2. Embora nem sempre respeitada por governos e população, ela tem se mostrado eficaz como forma de diminuir o número e contagiados e, por decorrência, o número de vítimas da doença. Na cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, onde o autor desenvolve estágio pós-doutoral, as medidas de isolamento social foram adotadas a partir de março de 2020, instauradas pelos governos estadual e municipal.

Embora tenham existido protestos contra o chamado “lockdown” (interrupção completa das atividades não essenciais e proibição de circulação), vários setores passaram a adotar as medidas de isolamento em sua rotina. Entre eles, a Universidade Federal do Piauí, instituição de ensino superior a que se filia o autor como professor visitante em seu estágio de pós-doutoramento.

Com as medidas restritivas, o autor passou a uma dupla situação de isolamento: o cancelamento das atividades presenciais, suspensas na universidade, e a distância dos familiares e amigos do estado do Rio Grande do Sul, quase três mil quilômetros ao sul do Brasil. Para combater o sentimento de solidão e isolamento, o autor passou a utilizar o aplicativo de troca de mensagens WhatsApp de forma mais intensa desde o início da pandemia. É o que se narra a seguir.

3. Mediação tecnológica para contornar o isolamento

No ano de 2020, o contato pessoal por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp foi intensificado na rotina do autor: todas as atividades profissionais, acadêmicas e pessoais passaram a ser intermediadas pelo aplicativo. O autor tem também contas

no Facebook e no Instagram, mas prioriza o WhatsApp nas interações sociais, por considerá-lo mais seguro quanto à privacidade e também mais ágil nas trocas de mensagens cotidianas.

No nível profissional e acadêmico, as reuniões e aulas da universidade passaram a ser efetuadas prioritariamente pelo aplicativo; no nível das relações pessoais, o WhatsApp foi ganhando espaço a ponto de ser a mídia social mais presente na rotina diária do autor. Em sua experiência em particular, a pandemia parece ter servido para acelerar o que já era uma tendência antes dela: o autor não costumava postar no Facebook, mantendo apenas um perfil pessoal e outro comercial, para contatos esporádicos que acabam sendo efetivados pelo WhatsApp.

Quanto ao Instagram, onde também mantém uma conta, o autor raramente faz postagens de fotos ou mensagens nessa mídia social. O uso mais frequente nessa rede, de sua parte, é curtir ou comentar brevemente alguma postagem feita pelos seus contatos. Fotos da natureza são as mais frequentes no perfil do autor.

Essas informações sobre as redes sociais digitais têm por objetivo situar o leitor quanto ao uso das redes sociais sobre a rotina profissional e pessoal do autor, no intuito de auxiliar a compor a descrição desse relato. Embora presente no universo online, o autor faz parte da geração que foi nascida e criada no contexto da mídia de massa, ainda nos anos 1970. Teve as dificuldades típicas dos que não são “nativos digitais” para se adaptar ao universo da internet e das redes sociais: sua formação foi toda embasada pela cultura livresca e pela palavra impressa, e adquiriu seu primeiro computador na década de 1990, quando cursava o mestrado em Letras na Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

O autor resistiu um pouco para adquirir um celular, e o primeiro que teve foi presente de uma sobrinha, na primeira década do presente século. O convívio mais estreito com as mídias sociais foi sendo efetivado com certa naturalidade desde a segunda década do séc. XXI, embora sempre com a atenção sendo compartilhada com os meios tradicionais de comunicação – sobretudo jornal e televisão – e com o livro impresso.

Dessa forma, embora não seja nativo digital, o autor acabou incorporando algumas das novas tecnologias à sua rotina profissional e pessoal, no início com certa resistência e receio, mas depois com relativa desenvoltura. Entre essas mídias, o

aplicativo de mensagens WhatsApp é sem dúvida o mais presente na rotina do autor. Desde que iniciou o pós-doutoramento na Universidade Federal do Piauí esse uso se tornou mais intenso, já que passou a utilizá-lo para aplacar a saudade de familiares e amigos que ficaram no sul do país.

O início da pandemia contribuiu para aprofundar o uso do aplicativo, e trouxe também a necessidade de adaptá-lo a novas necessidades expressivas, que foram mobilizadas para aplacar o sentimento de solidão e isolamento ligado às restrições impostas para barrar o vírus. A natureza das mensagens passadas pelo WhatsApp é essencialmente verbal. Em que pese ele possibilitar o envio de imagens estáticas ou em movimento, o uso preponderante é a conversa – seja ela escrita ou falada, por mensagens de texto, de áudio e ligação telefônica. A troca de mensagens visuais como *emoticons* e *memes*, bastante comum pelo aplicativo, insere-se no *continuum* da conversação interpessoal e grupal. Tudo constitui um grande fluxo de comunicação multidirecional, em vários níveis de linguagem, e com marcada convergência midiática.

Ao considerar essas potencialidades do aplicativo WhatsApp, o autor buscou encetar um diálogo que partisse da mensagem escrita, apelando para a ressonância da linguagem oral. Encontrou na poesia o formato desse diálogo, como descrito a seguir.

4. Poesia e WhatsApp: conversa ritmada

Neste ponto do relato, uso a primeira pessoa do singular, para enfatizar a experiência vivenciada. Em 22 de julho de 2020 enviei a alguns dos contatos do WhatsApp os seguintes versos:

Ao vê-lo assim tão singelo/
 Você não resiste: sanduíche, magrelo?/
 Assim você some!/
 Assim você some!

Sabe de nada, meu belo!/
 Repara nas cores.../
 Sente o cheiro:/
 Adeus, fome!//”

Os versos acompanhavam, servindo como uma espécie de legenda para a fotografia de meu almoço naquele dia, um sanduíche de carne. Era o primeiro de uma série de versos que se tornariam quadras heptassilábicas (com sete sílabas poéticas) ao longo dos meses.

A intenção era fazer graça e incitar o diálogo, a conversa. Havia a curiosidade de saber a reação dos parentes e amigos a quem destinava as mensagens: se me responderiam com graça, se entrariam no jogo e responderiam com versos, se puxariam conversa a partir do tema ou apesar dele... Todas essas possibilidades estavam sendo colocadas em minha mente, mas também a mera experiência gratuita de experimentação estética por meio da palavra era um motivador da construção poética regular. O isolamento imposto pela pandemia do novo coronavírus foi um motivador determinante para o início dessa experiência de comunicação mediante poemas curtos na hora do almoço. Eu tinha saudade de conversar e de rir com os amigos e familiares, e sentia que talvez a poesia ajudasse a estreitar os laços, eliminando a distância.

Era a primeira vez em anos que eu me encontrava distante dos familiares e amigos que foram deixados no sul do país, e era também o momento em que as interações sociais presenciais passaram a ser interditadas, como forma de tentar barrar o avanço do novo coronavírus, no período inicial da pandemia no Brasil. Isolamento social e *lockdowns* passaram a restringir ainda mais o contato interpessoal, no meu caso já bastante escasso.

Para o formato adotado nos versos, ao longo do tempo tentei consolidar um tipo específico, buscando criar identidade a partir dos limites autoimpostos. Inicialmente, o formato era de versos livres, que buscavam associações com a imagem da refeição na construção poética. Incluíam micropoemas feitos de versos como estes:

Poemicro da sexta:

Mas o que houve?

Couve!

À medida que os dias e semanas foram passando, contudo, o formato de quadras heptassilábicas se impôs como a forma preponderante da poesia construída sobre as refeições diárias. Eis aqui dois exemplos, colhidos de forma aleatória no corpus.



Figura 1 – Quadra de 10 de agosto de 2020

Fonte: Reprodução/WhatsApp



Figura 2 – Quadra de 26 de agosto de 2020

Fonte: Reprodução WhatsApp

As razões para o formato escolhido estão sobretudo na sua sonoridade: a cadência dos versos heptassilábicos encontra eco na poesia popular e talvez na própria linha melódica da fala em língua portuguesa. Isso pode contribuir para motivar a leitura, embalando a mensagem no ritmo lúdico da música. Outra razão foi a economia do formato, já que a quadra é um recurso que não ocupa muito espaço nem exige muito tempo de leitura, e a instantaneidade é uma das características da comunicação online.

Os formatos enxutos exigem, em contrapartida, uma sobrecarga de trabalho no nível do significado ou sentido: dizer muito em muito pouco era o desafio maior da empreitada a que me propunha. Dizer todos os dias da semana era outra autoimposição que estabeleci ao longo dos dias em que ainda testava o formato definitivo da experiência com os versos sobre o almoço diário. A formação e atuação como jornalista sempre me fizeram atentar para a necessidade de manter a periodicidade nos projetos que me propunha empreender. Com essa experiência não foi diferente: era preciso encarar a produção em médio e longo prazo, excetuando apenas eventualmente os finais de semana.

Em termos de conteúdo dessas mensagens, o assunto mais imediato era de fato o prato principal do dia: o conteúdo do almoço, que era fotografado e enviado junto com as quadras heptassilábicas. A quadra serviria como uma espécie de comentário ou meditação em torno do tema “comida”, e daí surgiriam os temas conexos: a pandemia, a solidão, a fome, a amizade, os fatos do cotidiano em destaque na mídia, as idiossincrasias ligadas à cultura local da cidade de Teresina, entre todos os outros temas possíveis.

A Tabela 1 traz uma amostra dos principais temas abordados nas quadras no período de julho a dezembro de 2020. Para se chegar a esses números foram selecionadas 20 ocorrências (cerca de 20% do corpus) de forma aleatória ao longo de julho a dezembro de 2020.

Tabela 1 – Principais temas abordados de julho a dezembro de 2020

Temas	Ocorrências	Frequência
Comida: refeições, pratos, alimentos...	20	100%
Humor: versos jocosos, com sentido dúbio ou malicioso	12	40%

Atualidades: eleição, fatos jornalísticos, personagens da mídia.	4	20%
Questões existenciais: sentido da vida, incertezas sobre o futuro etc.	3	15%
Afetos: solidão, amizade etc.	2	10%
Pandemia: vacina, vírus, isolamento, brigas políticas.	1	5%
Total	20	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para além do componente alimentar, que serve de mote principal para os contatos, o humor é um recurso frequente nessas trocas simbólicas, por convidar ao riso e à descontração. Os números do corpus revelam essa dinâmica.

A periodicidade diária, excetuando eventualmente os fins de semana, foi outro fator importante para garantir a identidade das mensagens. De segunda a sexta, ao meio dia, fiz circular para grupo de cerca de 25 contatos, diariamente, a foto e o poema do que havia preparado para o almoço solitário. Busquei sempre manter a observância do horário, que na maior parte das vezes ficou entre 12h e 12h30min.

A Tabela 2 mostra um resumo quantitativo da produção durante o período analisado.

Tabela 2 – Produção em números de julho a dezembro de 2020

Mês	Produção
Julho	7
Agosto	31
Setembro	23
Outubro	28
Novembro	27
Dezembro	9
Total	125

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em cerca de 6 (seis) meses, foram mais de 100 quadras ou eventualmente poemas um pouco mais longos, acompanhados da fotografia do almoço, enviados diariamente a cerca de 25 pessoas, entre parentes, amigos e grupos do WhatsApp. À medida que o tempo passava, fui me dando conta de que a experiência vinha modificando a forma de interação com esses contatos, como se relata na próxima seção.

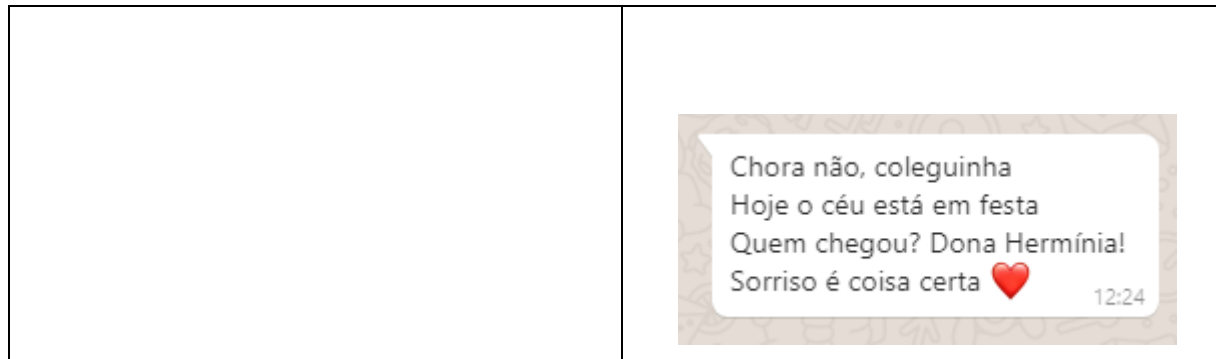
5. Poemas para conversar

Desde que a experiência de produzir e postar quadras poéticas ilustrando o almoço diário passou a fazer parte de minha rotina, comecei a perceber mudanças na forma como as pessoas interagiam em suas próprias mensagens. Inicialmente houve surpresa. E, na sequência, uma série de reações as mais diversas. No formato de *emoticons*, memes e outras mensagens verbais e

visuais, registrei manifestações de incentivo (palmas, carinhas felizes), ironia (carinha irônica, memes depreciativos), indiferença (silêncio ou comentários que não se relacionavam com a mensagem).

Com o passar do tempo, outras formas de interagir foram surgindo: encontrei críticos literários (a maior parte simpática aos versos, embora alguns com verve irônica ou mesmo franca aversão), críticos gastronômicos (a maior parte aplaudindo o que lhes era apresentado na fotografia, mas alguns em severa desaprovação) e poetas (esses poucos, mas fiéis, com produção regular de versos “em resposta” aos meus). Essas interações serviram de motivação para dar continuidade ao contato, ajudando a estreitar os laços afetivos no momento da pandemia.

A resposta em verso pareceu-me a mais rica das experiências. De alguma forma, remete à trova gaúcha e ao repente nordestino, formas de criação do cancionero popular em que um cantador responde a outro a partir do último verso lançado. Em algumas ocasiões, esse “duelo” durava horas, absorvendo totalmente a mim e ao contato nessa empreitada. Eis alguns exemplos retirados de interações que se estenderam mais recentemente, já no ano de 2021, sendo a quadra da direita sempre a do autor.



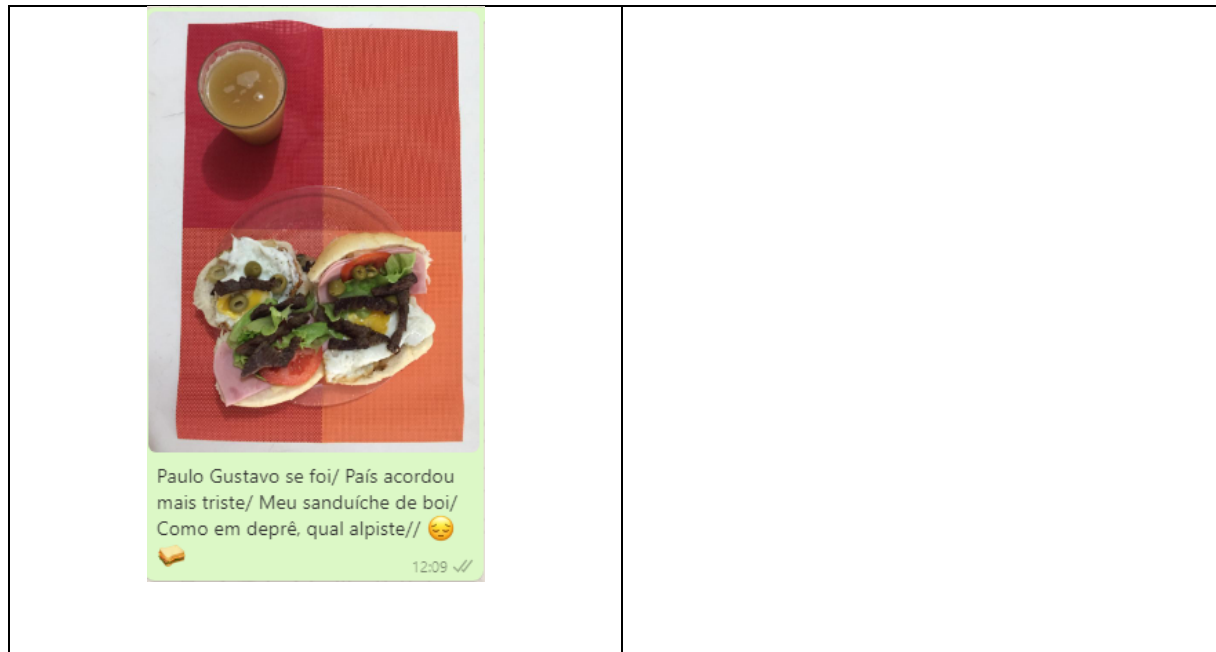


Figura 3 – Interação poética com sobrinha

Fonte: Montagem sobre print de tela/WhatsApp.

Nesta troca de mensagens, a referência é a morte do ator Paulo Gustavo pela Covid-19, ocasião em que expressei minha tristeza, que foi consolada pela quadra de uma de minhas sobrinhas, residente em Porto Alegre.

No exemplo abaixo, alusão à carestia, dada a alta de preços que tornou o consumo de carne uma raridade. Apesar de indigesto, o tema ficou mais leve com a resposta em verso de uma de minhas irmãs, também residente na capital gaúcha:



Figura 4 – Interação poética com irmã

Fonte: Montagem sobre print de tela/WhatsApp.

O humor e os gestos de reconhecimento e solidariedade, para enfrentar os “perrengues” do cotidiano, fazem com que a vida fique mais leve. Ao embalar essas mensagens na sonoridade poética, cessamos por um momento as dificuldades e celebramos a força da arte e da vida.

Nesse sentido, o resultado mais interessante dessa experiência, considerando a totalidade das mensagens trocadas nesses meses, foi o fortalecimento das relações interpessoais. Amizades que estavam enfraquecidas, afetos que permaneciam mudos à distância, familiares com os quais já não mantinha contato: de alguma forma, todos voltamos a dialogar mais, a nos preocuparmos uns com os outros, a trocar ideias e impressões sobre a vida e sobre as pessoas.

Os poemas serviram como um mote para dialogar com parentes e amigos sobre os temas abordados nas quadras poéticas, retomando diálogos com pelo menos quatro irmãos com os quais não costumava conversar com frequência, dada a distância e a rotina corrida de atividades. O mesmo aconteceu com relações de amizade que estavam adormecidas pela distância e pelo

isolamento: elas passaram a ser mediadas pela interação poética, que na maior parte das vezes era a porta de entrada para outros assuntos, sobre as coisas da atualidade – política, pandemia, clima, datas comemorativas etc. O humor é sem dúvida o tema recorrente nessas interações com os amigos, como no exemplo abaixo.



Figura 5 – Interação poética com uma amiga

Fonte: Montagem sobre print de tela/WhatsApp.

Difícilmente isso seria possível sem a intermediação tecnológica, sobretudo sem os recursos disponíveis nos dias atuais. Mas é claro que a tecnologia por si só não promove a aproximação e o estreitamento dos laços afetivos: ela está lá, mas é preciso que seja incorporada pelas pessoas em suas trocas simbólicas, em sua interação cotidiana, para que possa de fato transformá-las.

6. Síntese final e conclusões

A troca das mensagens poéticas sobre o almoço via WhatsApp, que em minha experiência começou como brincadeira e provocação, acabou por se revelar um importante fator de interação para um momento singular, de crise sanitária da Covid-19. A noção de mediatização parece conter elementos válidos para a reflexão sobre a experiência vivenciada. Como visto, a mediatização implica compreender as formas de apropriação da experiência midiática pela cultura, nas interações sociais e na própria constituição perceptiva da humanidade.

Ao longo desses meses de isolamento, vivenciei com mais intensidade a incorporação do aparelho celular e do aplicativo WhatsApp nas interações cotidianas com meus contatos pessoais e profissionais, a ponto de colocá-lo à mesa, para ler as reações e comentários após o envio do poema-almoço, em foto e verso. Dessa forma, converso com esses contatos como se estivesse almoçando com eles à mesa. E posso afirmar com toda a certeza que se trata de um dos melhores momentos do meu dia: o *stress* do trabalho e dos problemas cotidianos dá lugar ao riso e à satisfação da conversa afetiva.

Embora existam as restrições da comunicação mediada por um dispositivo técnico – o aparelho celular –, não há razão para imaginar que a comunicação direta, sem a intermediação técnica, seja mais afetiva ou sincera. Nada garante que haja mais afeto ou interação apenas porque estejam presentes as pessoas no mesmo ambiente. A mediação permeia a natureza do indivíduo desde que a consciência teve início, separando o momento presente do seu reflexo, no espelho da mente.

Refletindo sobre as formas de convergência a partir da experiência trazida neste relato, percebo que talvez a forma poética escolhida – quadras heptassilábicas – traga mais as marcas da oralidade do que da linguagem visual. Embora costume utilizar recursos como *emojicons*, *gifs* e *memes* variados para reagir e interagir com os contatos, a base das mensagens que utilizo para a interação do meio-dia é sempre a do poema-almoço: ele é quem me demanda o maior tempo de produção, e o esforço mais expressivo para encontrar as rimas e calcular a métrica dos versos.

Mas o poema interage com os demais signos presentes na mensagem: a imagem da fotografia do almoço, as associações com os assuntos do dia, a sugestão implícita nas rimas mais óbvias dos pratos... A mensagem verbal escrita, marcada pela oralidade – inscrita no ritmo do verso e nas rimas – significa a partir do contexto, fortemente marcado pela visualidade dos pratos. A interação que se dá em torno desses elementos permite um fluxo contínuo de referências e memórias, materializadas em registros variados, das mais diversas linguagens.

A cultura *fanfiction* pode ser percebida nas interações que decorrem das mensagens poéticas, sobretudo aqueles diálogos que criam novos poemas a partir do poema-almoço que lhes serve de mote.

A referência à *fanfiction* foi utilizada como chave para pensar nos fenômenos de criação e recriação artística do material que circula nas redes. Diz respeito à crescente apropriação da esfera da produção simbólica por parte do que se costumava designar como “receptor” e que hoje se define de forma mais adequada como “interactante” ou “interagente”.

As pessoas todas que compõem a comunicação mediada pelos dispositivos técnicos têm à sua disposição os meios para produzir e fazer circular suas próprias criações, sem se preocupar com a permissão do criador original ou a crítica especializada. A experiência aqui relatada ilustra essa afirmativa, revelando um impulso renovado para a criação poética como forma de estreitar os laços entre os envolvidos nas trocas simbólicas num período marcado pela incerteza e pelo isolamento físico.

Referências

Bardin, L. (2009). **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70.

Curi, P. P. (2012). Entre fan arts, fan fictions e fan films: o consumo dos fãs gerando uma nova cultura. In: **VII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. 25 a 27 de maio de 2010, Salvador, Bahia. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24831.pdf>. Acesso em 30 de março de 2021.

Fausto Neto, A. (2006). Midiatização - prática social, prática de sentido. **Paper Compós**. Bauru. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf. Acesso em 04 de maio de 2017.

Hjarvard, S. (2012). Midiatização: Teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, pp. 53-91. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/338>. Acesso em 12 de abril de 2015.

Jenkins, H. (2009). **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. 2. ed. São Paulo: Aleph. Tradução Susana Alexandria. 428 p.

Mazzola, R. (2018). Escritas paralelas: cópia a criação em uma *fanfiction* de Dom Casmurro. **Recorte**, Três Corações, MG, v. 15, n. 2, jul./dez. Disponível em: <file:///D:/Downloads/5037-10951530-1-PB.pdf>. Acesso em 12 de fev. 2021.

Neumann, D. (2017). A problemática da oralidade. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 2, p. 37-47, dez. Disponível em: file:///D:/Documents/2021/eventos/CIJOII/A_problematica_da_oralidade.pdf. Acesso em 20 de fev. 2021.